



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM OLHAR SOB A PRÁTICA E FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

Amanda Figueiredo Marcello

Andreia Tavares da Silva Gonçalves

Felipe Vieira da Silva Amaral

Orientadora: Cátia Crivelenti de Figueiredo Walter

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Emails: amandafigueiredom@gmail.com; dekapedagogia@gmail.com; liipe_rj@hotmail.com.

RESUMO

Este artigo traz uma discussão sobre a prática docente atual e a formação inicial de graduandos em Pedagogia que ocorre na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) na disciplina de Pesquisa e Práticas Pedagógicas (PPP), coordenada pela professora Cátia Walter. A proposta é ampliar o conhecimento dos graduandos sobre questões que envolvem a inclusão de alunos com deficiência e oferecer apoio a aprendizagem de pessoas com necessidades especiais, valorizando as interações sociais e as adaptações pedagógicas necessárias nos diferentes contextos. Formando futuros professores com um novo olhar diante dos desafios, capazes de valorizar a diversidade e encontrar, apesar das dificuldades, diversas maneiras que estimulem a aprendizagem. Questionamos os saberes que constituem a prática pedagógica e fomentamos a necessidade de uma formação reflexiva, que permita o educador conhecer o verdadeiro valor da palavra inclusão.

Palavras- chave: Formação, inclusão, educação especial, materiais adaptados.



INTRODUÇÃO

A educação inclusiva entende a escola como um espaço de educação para todos, valoriza a diversidade e procura observar as potencialidades de todos os sujeitos. Partindo dessa ideia, as escolas devem se manter prontas para receber qualquer aluno e adaptar todos os recursos possíveis para o aprendizado, desenvolvimento e autonomia que permita a formação integral do seu corpo discente.

Buscando esses resultados, é necessário, profissionais preparados e atentos, um currículo flexível, práticas pedagógicas contextualizadas e tecnologia assistiva, capaz de ampliar e proporcionar materiais adaptados, estratégias e metodologias que auxiliem em todo o processo, sobretudo na comunicação.

“Pensar em todos os alunos enquanto seres em processo de crescimento e desenvolvimento e que vivenciam o processo ensino-aprendizagem diferentemente”, eis a tarefa que temos como professores (CARVALHO, 1999, p. 64).

Objetiva-se, nesse trabalho, apresentar uma calorosa discussão que surgiu durante as aulas, de Pesquisa e Práticas Pedagógicas- Estudos em Educação Inclusiva e continuada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que contribuiu de forma engrandecedora a formação de um grupo de graduandos, possibilitando reflexões e experiências de estágios e atendimentos educacionais especializados que ocorreram durante quatro períodos. Deixando claro, a necessidade de uma formação inicial adequada a todos os futuros profissionais da educação.

“Compreendemos que a formação inicial não se trata de um repasse de um saber fora de sala de aula, e sim de uma possibilidade de rever a escola/prática educativa, e analisar as potencialidades de uma intervenção colaborativa sistemática entre os professores e os pesquisadores.” (SCHIRMER, WALTER E NUNES, 2011, p. 02)

Analisaremos os dados coletados durante toda a trajetória da disciplina, assim, refletindo sobre as estratégias elaboradas pelos graduandos, em busca de meios e soluções eficazes para ajudar as pessoas com diversas necessidades, a superar seus desafios pessoais, sejam eles, se comunicar, estudar para provas ou, simplesmente, conquistar autonomia para viver em sociedade.

Reafirmamos a ideia de Moita (1992) que defende o percurso da formação, como um percurso de vida, onde o modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história. Trabalhando com a troca, experiências e interações sociais. Todos necessitam uns dos outros e cada um possui suas limitações e possibilidades. Essas relações devem ser enxergadas pelo professor que precisa, mais do que educar, mediar os conhecimentos e as interações. Valorizar os limites e o progresso de cada um, incentivando uma formação plena que elimine qualquer barreira que apareça durante a jornada no percurso de formação.

“A escola, considerada como espaço privilegiado de construção de conhecimentos e de desenvolvimento de valores, pode e deve ter como uma de suas propostas contribuir para a transformação da sociedade no sentido de torná-la menos desigual e mais democrática. Um espaço



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

democrático, em essência, deve viabilizar a construção de culturas, políticas e práticas inclusivas.” (BOOTH, 1998)

Sendo assim, precisamos compreender que a educação é antes de qualquer coisa, um ato político, e necessitamos de docentes capazes de formar cidadãos para o mundo, para uma sociedade livre, onde todos possam os mesmos direitos.

As estratégias metodológicas utilizada na elaboração desse trabalho foram às teorias e pesquisas encontradas sobre essa área de estudos, além, dos registros e trabalhos construídos no período da disciplina, observações e planejamentos.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida durante 4 períodos, utilizando uma proposta metodológica de caráter qualitativo e exploratório. Procurando *“produzir ideias que antecipem o real ou que delineiam um ideal”* (THIOLLENT, 2011, p.85). Ou seja, favorecer discussões e reflexões sobre a realidade, os métodos utilizados e conceitos que proporcionam aprendizado, capaz de auxiliar na prática docente e na construção de um sujeito autônomo, em sua socialização e em sua comunicação.

“pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 2011, p.14).

Dessa forma, buscamos acompanhar, avaliar e formular a busca por soluções e melhoria na formação e no trabalho do futuro profissional da educação básica. Desenvolvemos aqui, uma análise dos escritos ocorridos, experiências e possibilidades que ocorriam em prol do envolvimento entre os sujeitos e das intervenções semanais.

O trabalho foi desenvolvido com um grupo de 28 alunos da graduação em Pedagogia, dividido em quatro momentos/ períodos de estudo. No primeiro momento, os alunos foram apresentados à bibliografia referente ao tema da educação especial, aprimorando seus conceitos sobre diversas deficiências. Ocorreram aulas expositivas, que possibilitaram aos alunos a conhecer pessoas com diferentes necessidades e vivências sobre determinado assunto/ deficiência. Ao fim desse período, os alunos foram orientados a buscar uma escola pública que trabalhasse com a inclusão e vivenciar um dia da rotina desses profissionais e alunos.

Em um segundo momento, os alunos foram apresentados aos materiais adaptados, software e diversos materiais de Tecnologia Assistiva (TA) que os ajudaram a construir recursos e alternativas para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais, comunicativas e aprendizagem de pessoas com necessidades especiais. Nesse período os futuros professores, conheceram o PECS-Adaptado, padronizado por Walter (2000), um sistema de comunicação por intercâmbio de figuras e as pranchas de comunicação aumentativa (suplementar) e alternativa.

“A Comunicação Aumentativa e Alternativa - CAA é uma das áreas da TA que atende pessoas sem fala ou escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade em

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

falar e/ou escrever. Busca então, através da valorização de todas as formas expressivas do sujeito e da construção de recursos próprios desta metodologia, construir e ampliar sua via de expressão.” (BERSCH E SCHIRMER, 2005, p. 89).

Ou seja, de acordo com autoras como Sartoretto e Rita Bersch (2014), o intuito da comunicação aumentativa e alternativa é ampliar o repertório comunicativo, possibilitando ao outro se expressar e compreender o mundo a sua volta, ser autor das suas escolhas. Os recursos produzidos podem ser de alta e/ou baixa tecnologia como: pranchas alfabéticas, de palavras, figuras feitas com papéis, recortes e papelão. Ou, vocalizadores e software. O professor deve ser capaz de conhecer o seu aluno e identificar suas necessidades para conseguir perceber qual o recurso mais se adapta as suas necessidades.

Para encerrar esse período, a professora/ orientadora Cátia Walter, entregou casos hipotéticos ao grupo de alunos como, por exemplo, de uma aluna com paralisia cerebral, usuária de cadeira de rodas, com uma mesa acoplada, que apresentava movimentos involuntários e era pouco compreendida na escola; Os alunos deveriam construir materiais adaptados que auxiliassem o aprendizado, comunicação e desenvolvimento dessa aluna e encontrar alternativas de baixo custo que a ajudasse a interagir.

Os 28 alunos, foram divididos em 8 grupos e cada um, apresentou alternativas como: pranchas de comunicação, pranchas alfabéticas, aulas com fantoches e jogos adaptados.

“O papel do interlocutor no processo de comunicação de indivíduos não oralizados é fundamental e, para isso, é imprescindível um treinamento mais aprofundado nos recursos, estratégias e adaptações que se façam necessárias para favorecer uma maior participação, expressão e aprendizado dessas crianças e jovens em sala de aula.” (DELGADO, 2011, p. 68).

O terceiro momento, e também o mais aguardado, foi a experiência de participar e auxiliar na rotina de uma Escola Municipal Especial na modalidade de educação de jovens e adultos (EJA). Todos os graduandos tiveram a oportunidade de conhecer o ambiente e os profissionais da escola. Porém, foram divididos em 2 grupos, um dos grupos participaram da rotina na escola, o outro realizou atendimentos educacionais especializados no Laboratório de Tecnologia e Comunicação Alternativa (LATECA) na própria universidade. Ao término do período, cada grupo apresentou suas experiências, dúvidas, anotações e materiais adaptados e construídos. Esse momento contribuiu para trazer diversas discussões para a turma. A mais importante de todas elas é a formação dos professores, o preparo e as consequências da falta dele para enxergar as singularidades do outro.

No quarto e último período da Pesquisa e prática pedagógica (PPP), os alunos puderam planejar e executar sozinhos, seus atendimentos. Cada grupo atendeu um determinado sujeito com diferentes tipos de deficiências como: paralisia cerebral, deficiência intelectual e autismo. Cada atendimento com um intuito e uma maneira diferente de olhar e auxiliar, os encontros aconteceram todas as quartas- feira e foram divididos em duas salas, o Laboratório de Tecnologia e Comunicação Alternativa e a Sala do Amanhã (espaço cedido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

adaptado com recursos da FAPERJ. Um espaço adaptado e equipado com software, computadores com teclados especiais, vocalizadores, mesas adaptadas para cadeirantes, materiais didáticos e pranchas de comunicação alternativa para proporcionar um espaço de autonomia e aprendizado de qualidade para os alunos com deficiências), os graduandos montavam seus planejamentos e materiais, estes eram avaliados pela professora antes de iniciarem o seu atendimento. Ao fim do atendimento, os grupos anotavam seus resultados e experiências.

O período terminou com cada participante do projeto, tanto os graduandos, como os alunos atendidos, recebendo um certificado de participação. Os graduandos apresentaram seus relatos e planejamentos. Assim como, suas visões e considerações sobre a experiência e todo o aprendizado que ela os proporcionou.

“Nos estudos de caso apresentados nos finais de cada semestre, observamos o amadurecimento da turma, que aprendeu a descrever o caso resumidamente (tipo de problema identificado, potencialidades, dificuldades e interesses). Nos primeiros resumos de caso(s) lidos, os alunos davam muita importância para informações clínicas, como diagnósticos, por exemplo, ignorando ou desmerecendo informações educacionais. A maioria identificou como problemas dos seus casos a comunicação ou interação.” (SCHIRMER, WALTER E NUNES, 2011, p. 05-06)

RESULTADO E DISCUSSÃO

De acordo com os dados e experiências adquiridas durante a Pesquisa e Prática Pedagógica foi possível compreender de forma prática a importância de profissionais capacitados, capazes de enxergar a singularidade do outro como algo benéfico, apesar dos seus limites.

“Um aspecto importante da formação dos graduandos era que, no início do trabalho, eles apresentavam dificuldade em identificar as respostas dos alunos especiais. Com frequência, os graduandos solicitavam que os alunos se expressassem, fazendo perguntas fechadas ou abertas, sem, contudo, esperar a resposta. Às vezes até respondiam por eles.” (NUNES e WALTER, 2014, p. 6)

Ainda de acordo com as autoras, durante o andamento da disciplina os graduandos começaram a vencer as dificuldades e perceber as necessidades dos alunos e assim passaram a oferecer oportunidades de manifestar opiniões e fazer suas próprias escolhas. A cada novo semestre se tornou mais perceptível à evolução dos futuros professores, tanto em sua própria formação, quanto no auxílio aos alunos com necessidades especiais.

Todo aluno possui dificuldades. Todo aluno possui algo em que é bom. Aos professores, cabe descobrir aquilo que o seu aluno sabe fazer e faz bem. Acreditando em suas possibilidades, incentivando-os e construindo com eles os materiais que mais se encaixam no seu cotidiano. Esses materiais podem ser de alto ou baixo custo, simples ou sofisticados. Porém, com apenas um intuito: MELHORAR. Melhorar sua comunicação, seu aprendizado, seu convívio social, sua autoestima, sua vontade. Sem diferenciar ou dividir, mas incluir e interagir. Só assim, será possível transformar o sistema educacional. Formando profissionais que olhem além da deficiência e capazes de se transformarem a cada novo desafio, ensinando e aprendendo com seus alunos.

Aprendemos a defender uma educação para todos e por todos. Por todos aqueles que acreditam e necessitam. Uma educação voltada e centrada no aluno que vá além dos muros da escola e que os

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

incentivem a alçar caminhos maiores. Acreditando sempre que não importa as barreiras, com adaptações conseguiremos avançar.

O resultado do projeto pôde ser percebido a cada novo encontro, onde as indagações cresciam e as respostas se tornavam cada vez mais claras, nos tornávamos mais independentes e capazes com cada material construído. Cada avanço dos alunos atendidos foi uma vitória. Pudemos refletir o processo de comunicação e os efeitos da comunicação alternativa e ampliada, vivenciando e construindo estratégias que auxiliavam o aprendizado. Porém, a maior contribuição foi para os futuros docentes que construíram mais do que materiais e transformaram mais do que aqueles encontros. Transformaram a si próprios, percebendo suas possibilidades como educadores, expandindo seus olhares. Entendendo que ser professor é diariamente buscar formas de melhorar seu trabalho docente, sua visão de mundo, o currículo escolar e sua formação. Como defendia Paulo Freire (1996), ser professor é lutar constantemente contra a discriminação e ser sempre a favor da esperança que anima.

“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (PAULO FREIRE, 1996, p. 25)

CONCLUSÕES

“A Educação Inclusiva significa um novo modelo de escola em que é possível o acesso e a permanência de todos os alunos, e onde os mecanismos de seleção e discriminação, até então utilizados, são substituídos por procedimentos de identificação e remoção das barreiras para a aprendizagem.” (GLAT, 2007, p. 16)

Ainda de acordo com Glat, para uma instituição ser considerada inclusiva é necessário que não apenas os professores, mas toda a equipe esteja preparada para acolher os alunos. É preciso um trabalho colaborativo que pense na escola como um espaço de transformação que favoreça o diferente, o desenvolvimento e a inclusão social.

Sabemos que ainda há muito a caminhar para podermos dar esse trabalho por vencido. É só o começo de uma jornada que promete muitas descobertas. Mas, vale salientar a importância de uma formação de qualidade aos profissionais. Formação que os permitam refletir e enxergar o melhor para os seus alunos. Procurando alternativas que construa uma educação sem barreiras e sem o estigma da exclusão. Uma escola para todos, onde o aluno é o sujeito das elaborações e práticas pedagógicas. Por isso, entre tantos obstáculos, o desafio do educador é garantir o direito dos alunos com necessidades especiais a ser mais do que sua deficiência, fazer parte da escola, da sociedade. Entendendo que nenhum sujeito é igual ao outro e que sua diversidade deve ser considerada e respeitada.

Começamos na disciplina/ projeto com intuito de conhecer um pouco mais sobre a teoria da educação inclusiva. Terminamos com a certeza de que precisamos ser melhores para ajudar a todos que passarem por nossas salas de aula, que sejamos ponte que os alunos atravessem ao encontro de possibilidades que os auxiliem ao aprendizado e a autonomia.

“Uma coragem que não nega o desespero, mas que leva o homem adiante, apesar do desespero” (MAY, 1992)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Reforçando sempre a necessidade de um ensino colaborativo que possibilite o diálogo entre aluno, escola e família. Pois, o êxito vem do trabalho em equipe e que enxerguemos a diferença, sempre como algo imensamente importante, necessário e que deve ser valorizado e respeitado.

REFERÊNCIAS

(83) 3322.3222
contato@conedu.com.br
www.conedu.com.br

BERSCH, R.; SCHIRMER, C. R. (2005). **Tecnologia Assistiva no Processo Educacional. Em Ensaios Pedagógicos Construindo Escolas Inclusivas.** (pp.87-92). Brasília. Distrito Federal: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial.

BOOTH, T., AINSCOW, M & DYSON, A. ***Understanding Inclusion and Exclusion in the Competitive English System.*** International Journal of Inclusive Education, vol. 1, No. 4: 337-355, 1997

CARVALHO, R. E. Removendo barreiras para a aprendizagem. In.: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Educação Especial: tendências atuais.** Brasília: SEED, v.9, 1999, p.59-66.

DELGADO, S. M. M. **O papel do Interlocutor No Processo de Interação e Comunicação Com Jovens Não-Falantes.** In. . COMUNICAR É PRECISO em busca das melhores práticas na educação do aluno com deficiência. (organizadoras) Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes; Patrícia Lorena Quitério; Cátia Crivelenti de Figueiredo Walter; Carolina Rizoto Schirmer; Patrícia Braun. Marília: abpee, 2011, p. 68

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Paz e Terra. 1996, P. 25-116.

GLAT, ROSANA. **Educação Inclusiva: Cultura e Cotidiano Escolar.** 7Letras, 2007, p. 16.

MAY, Rollo. **A coragem de criar.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. MOITA, M. da C. **Percursos de formação e de trans-formação.** In: NÓVOA, A (org) Vidas de professores. Portugal: Porto, p.111-139, 1992.

MOITA, M. da C. **Percursos de formação e de trans-formação.** In: Vidas de professores. Portugal: Porto, p.111-139, 1992.

NUNES, L.R.; WALTER, C.C. F. **A Comunicação Alternativa para além das Tecnologias Assistivas.** In: arquivos analíticos de políticas educativas: Dossiê educação especial, V. 22 p.01-19, 2014.

SARTORETTO, L.M.; BERSCH, R. **Assistiva: Tecnologia e Educação**. 2014. Disponível em:<http://www.assistiva.com.br>. Acesso em: 15/04/2016

SCHIRMER, Carolina, WALTER, C. C. F., NUNES, L. R.. (2011). **A tecnologia assistiva na prática de formação inicial de futuros professores da escola inclusiva**. In: Anais do X Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste Rio de Janeiro: ANPED

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

WALTER, C. C. F. (2000). **Os efeitos da adaptação do PECS ao currículo funcional natural em pessoas com autismo infantil**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.